

O INVISÍVEL VISÍVEL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO GOVERNAMENTAL SUSTENTÁVEL A PARTIR DO FILME O DIA DEPOIS DE AMANHÃ

Pablo Henrique Paschoal Capucho

Resumo: A preocupação ambiental não é de agora, passando por muitos debates entre as principais figuras mundiais, no entanto, o alcance de tais discussões na população, muitas vezes não se dá de maneira clara e de fácil entendimento, dificultando a proliferação da temática entre a população. Para tanto, a utilização de recursos cinematográficos pode apresentar uma alternativa viável. Tendo isso em mente, o presente *paper* analisou o filme O Dia Depois de Amanhã à luz da teoria da Sociedade de Risco e segundo as abordagens do desenvolvimento sustentável de Hopwood et al. (2005). A análise foi conduzida através de uma pesquisa descritiva e do método análise de conteúdo. Concluiu-se que o filme apresenta condições de auxiliar no processo de dar visibilidade para possíveis consequências do desenvolvimento econômico, mas não faz uma crítica direta ao sistema econômico como um todo, não alcançando uma abordagem transformadora.

Palavras-chaves: Sociedade de Risco; Sustentabilidade; Canibalismo Econômico de Risco; Cinema.

The visible invisible: an analysis of sustainable government discourse from the film The Day After Tomorrow

Abstract: The environmental concern is not new, going through many debates among the main world figures, however, the scope of such discussions in the population often does not occur in

a clear and easy to understand manner, hindering the proliferation of the theme among the population. For that, the use of cinematographic resources may present a viable alternative. With this in mind, the present paper analyzed the film *The Day After Tomorrow* in the light of the Risk Society theory and according to the Hopwood et al. (2005) approaches to sustainable development. The analysis was conducted through descriptive research and the content analysis method. It was concluded that the film is able to assist in the process of giving visibility to possible consequences of economic development, but does not make a direct criticism of the economic system as a whole, not achieving a transformative approach.

Keywords: Risk Society; Sustainability; Economic Risk Cannibalism; Cinema.

1 INTRODUÇÃO

A preocupação ambiental já conquistou espaço nas discussões globais através de debates a respeito da sustentabilidade como a Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (1972), Relatório de Brundtland (1987), Rio 92 (1992), Agenda 21 (1997), Rio +10 (2002) e Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (2015). Tais discussões têm seus principais debates levados à população através de noticiários e matérias em revista que facilitam o acesso dos indivíduos às informações a respeito do tema. No entanto, estes canais comumente trazem uma linguagem que dificulta a compreensão de pessoas que não estão acostumados com ela.

Os riscos que podem decorrer da exploração da natureza e, como consequência direta ou indireta do meio de produção capitalista, são considerados invisíveis ou irrealis e apenas a sua consciência pode mudar este cenário (Beck, 2010). Conseguir auxiliar os habitantes a tomarem consciência dos riscos pode ser a chave para que uma mudança venha acontecer.

Dentre os meios populares, os filmes podem apresentar uma abordagem interessante para alcançar mais pessoas e auxiliar na tomada de consciência. Ao utilizar efeitos especiais, os filmes também conseguem transformar algo inexistente em uma realidade (ao menos durante o filme).

Por isto, este presente *paper* analisou o filme O Dia Depois de Amanhã à luz da teoria da Sociedade de Risco e segundo as abordagens do desenvolvimento sustentável de Hopwood et al. (2005). O filme foi escolhido por ser o primeiro que abordou as consequências do aquecimento global e apresentou cinematograficamente esta temática em um filme que fez sucesso durante o seu nascimento. Ele não trata o desastre como natural (como um tsunami, ou um tornado), mas como uma resposta da natureza para algo que foi causado pelo ser humano. Além disso, apesar de se passarem anos do seu lançamento, o filme continua sendo o mais lembrado e como um marco neste gênero de filmes.

Para realizar esta análise, o *paper* foi dividido em cinco seções contando com esta introdução. A segunda seção apresenta a fundamentação teórica abordando a Sociedade de Risco de Ulrich Beck (2010) e diferentes abordagens da sustentabilidade pelo capital. Em seguida, é apresentada a metodologia utilizada para a construção desta pesquisa. A quarta seção apresenta a apresentação e análise do filme utilizando como respaldo a fundamentação teórica apresentada na segunda seção. Por fim, foram feitas as considerações finais a respeito do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sociedade de Risco

Atualmente vive-se um momento em que a percepção da falha das promessas da modernidade resulta em reflexão quanto as consequências que o desenvolvimento técnico-econômico trouxe. Dentre estas, encontram-se as ameaças e riscos que fundamentam a tese da Sociedade de Risco de Ulrich Beck (2010). Segundo a teoria de Beck (2010), a partir da década de 70 vive-se um momento de transição de uma preocupação com a distribuição de riquezas (questões sociais e econômicas) para a distribuição de riscos (ameaças globais e autodestruição da vida na Terra). A distribuição de riscos é vista como um produto da modernidade, gerada pela promessa de que o desenvolvimento econômico traria melhorias nas condições de vida dos habitantes.

Tal vulnerabilidade trazida pelos novos riscos que surgiram com o “progresso” da humanidade é geralmente ocultado pelo sistema capitalista que o gerou, para que assim seja possível evitar críticas. No entanto, o desgaste de florestas, plantas e animais acabam por servir como evidência de que muitos (ou todos) têm de pagar e sofrer as consequências geradas pela modernidade. Dentro de sua teoria, Beck (2010) utiliza de cinco teses para tratar da arquitetura social e da dinâmica política do potencial de autoameaça civilizatória:

1. Os riscos diferenciam das riquezas entre muitos aspectos, como desencadeamento de danos potencialmente *irreversíveis*, permanecendo a maior parte do tempo *invisíveis*; são baseados em *interpretações causais*, aparecendo apenas através do *conhecimento* (científico ou anticientífico) que se tem deles, e são *abertos a processos sociais de definição*;
2. Persiste a desigualdade de posições de estrato e classes sociais e surgem novos desníveis internacionais (entre países de primeiro mundo e terceiro mundo), mas

- também há a existência do efeito bumerangue, que garante que todos estão vulneráveis aos riscos, com uma diferença temporal;
3. Mercantilização dos riscos ou canibalização econômica dos riscos: a economia vigente se apropria dos riscos para transformá-lo em *big business*, ou seja, obter lucro através dos riscos já gerados e, em alguns casos, até gerar novos;
 4. O risco, diferente das riquezas, tem sua existência determinada através da sua consciência. Portanto, o risco só se torna algo crível quando se obtêm consciência deste;
 5. Os riscos oferecem um potencial político de catástrofes, podendo resultar em uma reorganização do poder e da responsabilidade como é determinada.

O risco, conforme é retratado pela ciência natural (ou seja, estatisticamente), não leva em consideração as questões sociais e espaciais que são geradas por ele, dependendo apenas da relação de causalidade, ou efeito colateral. Assim,

[...] riscos da modernização emergem ao mesmo tempo vinculados espacialmente e *desvinculadamente com um alcance universal*; e segundo, *quão incalculáveis e imprevisíveis* são os intrincados caminhos de seus efeitos nocivos. [...] A causalidade suposta segue sendo algo mais ou menos incerto e provisório. Trata-se, nesse sentido, também no que diz respeito à consciência cotidiana do risco, de uma consciência *teórica* e, portanto, *cientifizada*. (BECK, 2010, p. 33, grifos do autor)

Neste sentido, a sociologia e a teoria política da sociedade de risco são, em seu cerne, uma sociologia do conhecimento que levam em consideração tais questões.

Por ser invisível, *irreal* (por representar algo que não aconteceu ou que vai acontecer) e estar na espreita, o risco precisa, por vezes, ser visto ou vivido para que os indivíduos adquiram consciência sobre ele, diferente do presente, em que os acontecimentos são visíveis e reais. Com o aumento da sua conscientização global, surge também o questionamento se a percepção dos riscos, ou seja, a preocupação com o futuro a ser evitado aumentou, ou se houve um aumento exponencial dos riscos que dificulta se ignorar as suas existências (BECK, 2010).

Assim como a conscientização do risco aumentou, a sua comercialização se intensificou (Beck, 2010). Harvey (2016) afirma que o capital consegue (na maior parte das vezes) assimilar com facilidade eventos catastróficos criando oportunidades de negócios e até mesmo culpabilizando a “mãe natureza” para esconder a culpa do capital e as suas falhas. Desta maneira, o capital se preocupa mais com a remediação de tais catástrofes do que com a sua prevenção.

Apesar da capacidade de absorção do capital, diferentes leituras são feitas quanto o relacionamento do capital com a causa sustentável, assim como o seu papel nesta discussão. Para melhor compreensão da relação do capital com a sustentabilidade se faz necessário compreender abordagens que evidenciem tal relação.

2.2 Abordagens da Sustentabilidade pelo Capital

A preocupação com as consequências trazidas pelo desenvolvimento e pela utilização de recursos naturais para o progresso não são de agora, sendo datadas desde a primeira revolução industrial (Feil & Schreiber, 2017). No entanto, tais discussões vieram a ganhar força realmente durante a segunda metade do século XX, principalmente entre os anos de 1960 e 1970, momento em que houveram debates que conceberam o conceito de desenvolvimento

sustentável. Mundialmente, o conceito foi popularizado por e é principalmente associado a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Comissão de Brundtland) em 1987, onde foi compreendido como desenvolvimento sustentável a articulação das variáveis econômica, social e ambiental através do atendimento das necessidades presentes de maneira que não comprometa a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades.

Apesar de ser um tema que tem sido pauta de grandes discussões, ainda não existe uma abordagem que seja tomada como certa, ou ao menos a mais correta entre as outras. Ele é criticado pela sua falta de clareza onde se percebe um campo político coerente, que traz a evolução de uma configuração de políticas internacionais através de acordos e protocolos, que carece de um maior desenvolvimento e definição mais rica (Dovers, 1996).

Dentre as dificuldades para o tratamento da sustentabilidade, Dovers (1996) aponta três níveis, sendo eles:

1. Micro: regional, que pode ser discreto e que não apresenta dificuldades em ser tratado;
2. Meso: problemas significantes e predominantes que permeiam a agenda pública, mas que não apresentam tanto risco aos padrões atuais da sociedade;
3. Macro: problemas difusos, complexos e possivelmente intratáveis.

A classificação de um problema pode ainda variar dependendo de quem realiza a análise, pois um problema que pode ser considerado macro em um país ou região pode ser considerado um problema micro quando analisado globalmente.

Apesar de propor mudanças, o conceito de desenvolvimento sustentável é criticado por unir o desenvolvimento econômico e o bem-estar social e ambiental, com mudanças não impactantes e que servem de manutenção do *status quo* (Hopwood et al., 2005). Hopwood et

al. (2005) apresentam três diferentes formas de abordar o desenvolvimento sustentável: *status quo*, reforma e transformação. As principais diferenças entre os conceitos podem ser observadas na figura 01.

Dentre as três visões da natureza das mudanças necessárias na sociedade, a primeira é mais leve, a de *status quo*. Esta reconhece necessidade de mudanças, mas acredita que ajustes são o suficiente, não necessitando mudanças fundamentais na sociedade, relações de poder ou meios de tomada de decisão (Hopwood et al., 2005). O crescimento econômico é parte da solução e somente quando se alcançar uma riqueza necessária que se permita lidar com os problemas ambientais. É uma visão que considera o mercado como o solucionador de problemas relacionados à sustentabilidade.

Na segunda visão, mais crente da necessidade de mudanças profundas, a reforma porém, não acredita que um colapso está prestes a acontecer, crendo que as mudanças podem acontecer com o passar do tempo, mantendo as estruturas sociais e econômicas presentes (Hopwood et al., 2005). A tecnologia é parceira nesta visão, onde ela proporciona maiores benefícios econômicos e sociais enquanto protege o ambiente. O governo também tem papel chave e a maioria dos reformistas acreditam que haverá um aumento da democracia e participação em algum momento.

Um Estado forte e condutor de tal mudança pode atuar diretamente ou indiretamente. Lenzi (2006) cita ao menos quatro maneiras como o estado pode auxiliar nesta mudança: (a) mecanismos voluntários, que envolvem ações voluntárias dos próprios indivíduos; (b) regulação de comando, que são as utilizações de leis como mecanismos regulatórios; (c) gasto público, atuação do governo através de subsídios ou ações diretas do governo; e (d) incentivos financeiros, tornando atividades ambientalmente perigosas mais custosas e premiando as ambientalmente mais saudáveis.

Figura 01 – Diferenças entre abordagens do desenvolvimento sustentável

Variáveis	<i>Status Quo</i>	Reforma	Transformação
Dimensão da mudança	Pequena	Média	Grande
Principais atores	Mercado	Estado	Sociedade
Maneira de atuação	Ajustes	Avanço tecnológico	Mudanças nas estruturas fundamentais da sociedade

Fonte: elaborado a partir de Hopwood et al. (2005).

Por fim, a visão mais radical é a transformista. A abordagem transformista acredita que o problema está enraizado nas estruturas fundamentais da sociedade, como econômica e de poder. A sua transformação é necessária para evitar crises e até mesmo um possível colapso na sociedade (Hopwood et al., 2005). Uma mudança nesse nível e grau tem um compromisso grande com a equidade social, para alterar o cenário de muita exploração por poucos para algo que beneficie um maior número de pessoas sem prejudicar outras ou o ambiente. A abordagem mais radical, a transformação é uma crítica clara ao sistema econômico que gerou as principais causas que levaram a situação atual do planeta: o capitalismo.

Segundo Foladori (1992), a economia (nem mesmo em sua abordagem ecológica) não é capaz de considerar os recursos naturais e acaba por contribuir com a geração de poluição e depredação através da exploração dos recursos naturais. Mesmo na tentativa de conseguirem fazer leituras, as análises não conseguem ser efetivas, pois adaptam o meio ambiente a economia, e não a economia ao meio ambiente.

O'Connor (2000) é completamente descrente da união entre sustentabilidade e capitalismo, justificando-se através de duas contradições. A primeira contradição diz respeito às relações de produção, em que o capitalismo defende a ganância, ou seja, o aumento dos ganhos de forma privada, e redução da quantidade de trabalhadores. E a segunda contradição diz respeito às forças produtivas, nelas ocorre a degradação da condição material e social, e as exigências de movimentos sociais quanto as condições ou meios de produção.

Dentre estas abordagens, as principais discussões a respeito do desenvolvimento sustentável permeiam dentro do *status quo*, alcançando em alguns momentos a abordagem reformista. Não cabe a este trabalho apontar qual é a mais adequada ou ideal. No entanto, tais categorias auxiliam na compreensão no momento de classificar o filme quanto a abordagem utilizada.

3 METODOLOGIA

O presente *paper* se caracteriza como descritivo, pois buscou descrever características do fenômeno observado e de abordagem qualitativa, em que buscou analisar o significado por trás do mesmo (Prodanov & Freitas, 2013). O objeto de análise foi o filme estadunidense O Dia Depois de Amanhã (*The Day After Tomorrow*), lançado em 2004. O filme retrata efeitos catastróficos decorrentes do aquecimento global e esfriamento global, se encaixando no gênero de ficção científica pós-apocalíptico. O filme se mostra relevante por ser uma obra marcante ao retratar as consequências que o estilo de vida humano está trazendo para o planeta. A versão assistida foi com o áudio em inglês para preservar os diálogos originais.

Para esta análise, o estudo utiliza o método de Estudo de Caso onde buscou-se analisar e compreender profundamente a relação entre o filme e as diferentes abordagens do

desenvolvimento sustentável apresentadas por Hopwood et al. (2005). Além disso, o filme retrata possíveis riscos que a humanidade corre ao persistir na exploração dos recursos naturais e na degradação do meio ambiente, tornando visível o invisível, conforme Beck (2010) afirma.

O instrumento utilizado para análise foi a Análise de Conteúdo, pois este tipo de análise permite analisar a frequência de termos no conteúdo do texto, assim como a ausência ou presença de dadas características em fragmentos da mensagem (Caregnato & Mutti, 2006). Desta forma, buscou-se analisar primeiramente o filme através da ótica da Sociedade de Risco de Beck (2010) e a frequência de termos que possam ser associados as abordagens de desenvolvimento sustentável de Hopwood et al. (2005). A Análise de Conteúdo foca principalmente no texto, no entanto, como o filme é baseado em um roteiro escrito, a análise também engloba acontecimentos que ocorrem no filme quando considerados relevantes.

Apesar de utilizar principalmente o método de contagem na Análise de Conteúdo, a pesquisa não se caracteriza como quantitativa por considerar a relevância da parte qualitativa maior do que a da quantitativa, pois esta primeira oferece melhores contribuições para a análise proposta. No entanto, não se deixa de realizar e nem de ignorar a importância da análise quantitativa de uma pesquisa.

4 TORNANDO VISÍVEL O INVISÍVEL

4.1 O Dia Depois de Amanhã: uma visão catastrófica

O Dia Depois de Amanhã foi um filme estadunidense lançado em 2004 de gênero ação, aventura e ficção científica pós-apocalíptico com duração aproximada de duas horas. O filme

retrata consequências desastrosas que afetam o planeta decorrente dos buracos causados na camada de ozônio devido a poluição e desmatamento gerado pelo homem na busca pelo progresso. O filme recebeu críticas mistas da mídia, tendo tido como um dos pontos principais os efeitos especiais retratados no filme de maneira realista.

O personagem principal da trama é o professor Jack Hall (ator Dennis Quaid), um paleoclimatologista que estuda os climas das eras passadas. Através de seus estudos, ele constata que o aquecimento global provoca mudanças climáticas que levariam o mundo a viver uma nova Era do Gelo. Em uma das primeiras cenas do filme, Jack apresenta sua teoria para os representantes políticos de países em um Encontro sobre o Aquecimento Global onde ele é questionado sobre a sua afirmação ser contraditória. O professor explica a sua afirmação.

É um paradoxo, mas o aquecimento global pode disparar ondas e resfriamento. Deixe-me explicar. Esse hemisfério tem clima ameno graças às correntes marítimas. O calor do sol vem do Equador e é trazido para o norte pelo mar. Mas o **aquecimento global derrete as geleiras e altera esse fluxo**. Cedo ou tarde, ele irá cessar. Quando isso ocorrer, **acabou-se nosso clima temperado** (Frase de Jack Hall no filme O Dia Depois de Amanhã, 2004, grifo do autor).

O professor explica os riscos possíveis resultantes do aquecimento global. Apesar de não trazer com exatidão quando tais fenômenos ocorrerão (estipulando que pode ser em 100 anos ou 1000 anos), o professor ainda afirma que “se não agirmos logo, nossos filhos e netos pagarão por isso”, apresentando uma preocupação com as gerações futuras, se assemelhando com a famosa afirmação do Relatório de Brundtland do Desenvolvimento Sustentável que preocupa-se com o atendimento das necessidades presentes de maneira que não comprometa a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades.

Neste momento, o professor é questionado pelo vice-presidente dos Estados Unidos, Raymond Becker (ator Kenneth Welsh), quanto a dimensão econômica, tratando as mudanças que o professor considera necessárias para a sobrevivência humana como um custo. Durante a discussão, Jack argumenta que “O custo será ainda maior se não fizermos nada. Nosso clima é frágil. No ritmo que estamos queimando combustível e poluindo a atmosfera, as calotas polares logo perecerão.”. O vice-presidente rebate afirmando que “Nossa economia é tão frágil quanto o meio ambiente. Tenha isso em mente antes de dar notícias sensacionalistas.”.

Durante as discussões entre estes personagens durante este momento deixa bem claro uma preocupação do Estado com a dimensão econômica e tratando mudanças que priorizam o bem-estar do meio ambiente como algo custoso e que, apesar de merecer ser considerado, ser algo secundário perante a economia. Para justificar essa preocupação, o vice-presidente afirma que tais afirmações, por não serem visíveis e reais naquele momento, são consideradas sensacionalistas e, mesmo com Jack afirmando que “o último pedaço de gelo que se partiu era do tamanho de Rhode Island”, não consegue impactar de tal maneira que o vice-presidente considere o risco, conforme é visto em cenas posteriores.

Em cenas posteriores do filme, os riscos começam a tornar-se reais através de acontecimentos catastróficos ao redor do globo. No Japão, é demonstrado uma chuva de granizo com pedras gigantes que gera muitas fatalidades. Em um noticiário, é reportado que um furacão recente é considerado por especialistas “o pior já visto”, trazendo mais sinais de que os desastres estão piorando. No entanto, a principal tragédia reportada neste momento da história é a aparição de diversos tornados em Los Angeles, Califórnia. Esta tragédia traz, além de diversas fatalidades, uma destruição maior da própria cidade e de construções do homem, como prédios e o letreiro de Hollywood.

Esta catástrofe dos tornados em Los Angeles gera a necessidade de especialistas se reunirem para discutirem a respeito do que pode ser a causa destes acontecimentos, em que os especialistas demonstram preocupações por não compreenderem tais acontecimentos, o que fica visível pelas afirmações “Nossos modelos atuais são inúteis” e “Modelos não irão nos ajudar muito”. Um dos pesquisadores retrata que há registros de acontecimentos em diversas localidades do globo terrestre e sugere a possibilidade de conexão. Neste momento, Jack entra sugerindo como causa as correntes do Atlântico Norte.

[...] as correntes mudaram. [...] Elas têm um equilíbrio delicado de água doce e salgada. [...] ninguém sabe quanta água doce há no oceano devido ao derretimento das geleiras. Acho que chegamos a um **ponto crítico** de dessalinização. [...] Hedland tem dados bastante convincentes. Pediram que eu alimentasse meu modelo para prever o que virá (Frase de Jack Hall no filme *O Dia Depois de Amanhã*, 2004, grifo do autor).

Sua afirmação gera o questionamento se tais anomalias irão continuar, ao qual Jack responde que “Não só continuar. Piorar. Acho que estamos à beira de uma grande mudança climática” o que gera uma discussão sobre o que dizer ao governo, onde Jack sugere a necessidade de planos a longo prazo. Para provar sua teoria, ele pede acesso aos computadores principais para testar sua teoria a partir dos dados que o *Hedland Research Centre* forneceu. A análise realizada pela sua equipe e pela contribuição de uma meteorologista da NASA, Janet Tokada (atriz Tamlyn Tomita) conclui que o cenário é ainda pior do que o esperado: tais mudanças ocorreriam dentre de seis a oito semanas.

Ao levar tais informações ao vice-presidente, o vice-presidente Becker prioriza a reunião ao qual se dirige, apesar de Jack reafirmar a urgência do assunto que merece a sua atenção. O diálogo prossegue da seguinte maneira:

Jack: “O clima sofrerá mudanças radicais nas próximas seis ou oito semanas.”

Vice-Presidente: “Você disse que levaria 100 anos.”

Jack: “Eu estava errado.”

Vice-Presidente: “Suponha que esteja errado agora.”

Jack: “Eu queria estar, mas você deve saber do que vem ocorrendo no resto do mundo.”

Vice-Presidente: “Se preparando para essa tempestade. O que mais espera?”

Jack: “Tem de pensar em evacuações em larga escala agora, especialmente nos estados do Norte.”

O vice-presidente Becker novamente ignora as afirmações de Jack, se dirigindo à sua reunião, preocupado principalmente em tratar as consequências das catástrofes e não preocupado com o que a ciência pode trazer de prospecção para os acontecimentos futuros que, segundo tais análises, piorarão. Neste momento Jack, desesperado, grita ao vice-presidente, conseguindo a sua atenção e de todos ao seu redor: “Se não agirmos agora, será muito tarde!”.

O filme encaminha e mais acontecimentos catastróficos ocorrem, com Nova York sendo atingida por uma onda gigante, deixando grande parte da cidade submersa, e a drástica diminuição da temperatura. As análises da equipe de Jack constataam uma piora na previsão, passando de meses para dias, onde preveem que ocorrerá uma tormenta que, ao seu final, trará uma nova Era do Gelo.

Com a piora do cenário, Jack é convidado novamente para apresentar suas análises para o governo, mas desta vez sendo diretamente com o presidente dos Estados Unidos, onde o professor novamente explica os acontecimentos, só que desta vez solicitam sugestões para ele do que fazer. Ele sugere que os habitantes devem se deslocar o máximo possível para o Sul, apresentando o México como uma opção. Neste momento, o vice-presidente Becker questiona: “México? É melhor você se preocupar com ciência e deixar a política conosco”. Neste

momento, o chefe de Jack, Tom, responde “Já tentamos isso. Vocês não quiseram ouvir sobre ciência quando poderiam ter feito a diferença”, se referindo as vidas que foram perdidas pelas catástrofes que aconteceram.

Neste momento, Jack oferece a eles a sugestão de evacuar metade do país para o Sul, afirmando ser tarde demais para as pessoas que estavam ao Norte. Após sair da sala, a discussão continua entre os representantes políticos e militares. O vice-presidente afirma que eles não podem abandonar metade do país, preocupando-se com as pessoas que estão no Norte, no meio da tormenta. A ministra afirma que ir tentar salvá-los só gerará mais fatalidades e o general compara a situação atual com uma situação de guerra, onde “algumas vezes precisamos fazer escolhas difíceis”, se referindo ao fato de ter que abandonar as pessoas que estão no Norte.

Assim decidido, eles iniciam a evacuação. Muitas pessoas tentam se dirigir para o México, onde são barradas por questões políticas e começam a atravessar ilegalmente a fronteira entre os países. Durante a evacuação, o presidente sofre um acidente e perece, fazendo com que o vice-presidente Becker, assuma a função de presidente dos Estados Unidos.

Durante os dias da tormenta, Jack engaja um diálogo com um de seus colegas de equipe, Jason Evans. Jason questiona sobre o que acontecerá com a humanidade. Jack afirma acreditar na sobrevivência da humanidade: “A humanidade sobreviveu a última Era do Gelo. Nós somos capazes de sobreviver a esta. Vai depender se pudermos aprender com nossos erros”.

Após os dias da tormenta, o agora presidente Becker recebe a notícia de que existem sobreviventes no Norte e determina uma força-tarefa para fazer o resgate dos sobreviventes. Neste momento, inicia-se uma transmissão dele para a população, onde ele passa uma mensagem sobre a situação vivida.

As últimas semanas nos encheram com uma profunda sensação de humildade perante a força destrutiva da natureza. **Há anos agíamos na crença de que poderíamos consumir os recursos naturais do planeta, sem**

consequências. Estávamos errados. Eu estava errado. O fato de o meu discurso vir de solo estrangeiro é uma prova de como nossa realidade mudou. Não somente os americanos, mas pessoas por todo o globo agora são hóspedes de nações que chamávamos de “Terceiro Mundo”. Em um momento de necessidade, nos receberam e nos abrigaram. E sou profundamente grato por sua hospitalidade (Frase do presidente Becker no filme *O Dia Depois de Amanhã*, 2004, grifo do autor).

4.2 Análise do Filme

O filme foi lançado em 2004, dois anos após a conferência Rio +10 e aborda questões relacionadas ao Desenvolvimento Sustentável, principalmente ao que tange as possíveis consequências que o excesso de uso dos recursos naturais e de geração de poluição pode trazer para o planeta e seus habitantes.

As catástrofes retratadas no filme conseguem se encaixar nas características dos riscos apontados por Beck (2010), entre elas os danos potencialmente irreversíveis, demonstrado pelo hemisfério norte tendo uma grande parte congelada e a nova Era do Gelo que chegaria. Os riscos permanecem invisíveis e irreais para muitos, demonstrado principalmente pela conferência no início do filme em que Jack apresenta para os espectadores um risco existente, mas é interpretado por eles como algo distante e que não precisa ser lidado no momento. A teoria que Jack apresenta também exemplifica a base em interpretações causais, em que ele faz uma ligação entre aquecimento global, mudanças marítimas e as mudanças climáticas, o que são geradas através do conhecimento científico do professor.

Os fenômenos retratados também demonstram a vulnerabilidade de todos em relação aos riscos (catástrofes) decorrentes da ação humana na natureza. As principais catástrofes demonstradas ocorrem em cidades famosas dos Estados Unidos e não existe distinção entre classes sociais quando se trata do ataque de tornados (Los Angeles) e da onda gigante (Nova York).

A transformação de uma discussão séria no meio científico em um longa-metragem pode ser considerada uma canibalização econômica de riscos, conforme aponta uma das teses apresentadas pela Sociedade de Risco (Beck, 2010). A utilização do risco das possibilidades de consequência do desenvolvimento econômico inconsequente em um filme, trouxe para o estúdio um dos maiores lucros vistos na história do cinema até então, fazendo o filme ficar em 50º lugar entre os filmes mais lucrativos de todos os tempos. O filme manteve-se superior ao seu sucessor, 2012, do mesmo diretor, que retratava um cenário apocalíptico baseado em uma profecia Maia. Apesar de diferenciar a temática onde um é consequência da ação humana e o outro é decorrente de uma profecia, os filmes foram muito comparados por seus efeitos especiais e pelo cenário apocalíptico. A Tabela 01 mostra uma comparação entre a lucratividade destes filmes.

Tabela 01 – Comparação de lucratividade entre O Dia Depois de Amanhã e 2012.

Variáveis	O Dia Depois de Amanhã	2012
Orçamento	US\$ 125.000.000,00	US\$ 200.000.000,00
Receita	US\$ 544.272.402,00	US\$ 769.679.473,00
Lucratividade	335%	285%

Fonte: Próprio autor (2018).

Apesar de sua principal finalidade é a geração de lucro, o longa-metragem também serve como um canal de comunicação para tornar discussões que já vinham ocorrendo no meio acadêmico mais acessível para a população. A utilização da tecnologia para dar visibilidade ao risco consegue auxiliar o telespectador em transformar o risco que é irreal em real. Tal transformação contribui com a conscientização do risco conforme afirma Beck (2010). No filme, no ataque de tornados em Los Angeles, um repórter diz, pouco antes de ser atingido e arrastado por uma placa voando que “Parece algum tipo horrível de pesadelo, pavoroso... só que é de verdade”, exemplificando um claro momento em que os riscos passam de irreais (teoria) para uma realidade vivida naquele momento.

Os acontecimentos do filme também demonstraram uma reorganização de poder, assim como da responsabilidade das causas. Durante o filme, isso fica perceptível quando Jack é ignorado diversas vezes pelo vice-presidente Becker, onde o vice-presidente detém mais poder de decisão do que o professor. Mas após os acontecimentos de Nova York há uma mudança onde a sugestão de Jack é acatada sem muitas dificuldades pelos representantes presentes na reunião.

A mudança política também ocorre no cenário global, visto como a redenção do agora presidente Becker, em que ele afirma “Há anos agíamos na crença de que poderíamos consumir os recursos naturais do planeta, sem consequências. Estávamos errados. Eu estava errado”, além da relação entre países de “primeiro mundo” e “terceiro mundo”, quando os de terceiro acolheram os necessitados (apesar das barreiras políticas serem apresentadas em primeiro momento).

No que tange a sustentabilidade, o filme não cita em nenhum momento a palavra sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável. Contudo, é possível identificar na fala das

personagens as abordagens do desenvolvimento sustentável conforme a classificação de Hopwood et al. (2005).

Em primeiro momento, na palestra de Jack Hall, o professor questiona a necessidade de mudanças para que não se chegue em uma situação catastrófica conforme ocorre no decorrer do filme. Seu discurso encaixa-se na abordagem da Reforma pois, apesar de aparentemente fazer uma grande crítica e cobrar mudanças, ele não denigre as estruturas fundamentais da sociedade, parecendo atacar mais especificamente o mercado e o Estado. Ao se dirigir aos chefes de Estado, ele cobra a necessidade de mudança, o que demonstra que, na visão do professor, o precursor de mudanças é o Estado.

Por outro lado, entre os representantes dos países ali presentes, o que mais engajou no diálogo foi o vice-presidente Becker. Sua visão representa uma abordagem de *Status Quo*, se é que existe qualquer preocupação com o desenvolvimento sustentável e o meio ambiente. Seu discurso (durante o filme e não apenas neste encontro) demonstra clara preocupação com questões econômicas e políticas. Ele inclusive afirma que a economia é tão frágil quanto o meio ambiente e que as preocupações ambientais são meros custos a serem contabilizados.

O personagem que mais sofre uma transformação de discurso é o vice-presidente Becker que, ao tornar-se presidente e ter presenciado tudo o que presenciou, consegue perceber que mudanças são necessárias. Ao final, o presidente Becker reconhece o poder da natureza e que existem mudanças a serem feitas quanto a maneira como o meio ambiente é tratado economicamente, visível pelo fato de usar a palavra “consumo”.

Utilizando a transformação desta personagem no decorrer do longa-metragem, o filme consegue auxiliar nessa transformação de opinião dos telespectadores. Entretanto, por ainda ser um instrumento para a geração do lucro, o filme não faz críticas claras ao sistema econômico, mencionando apenas algumas ações que podem ser melhoradas. As maiores

críticas são feitas por Jack ao apontar a clara ligação entre o buraco na camada de ozônio e a queimação de combustível e poluição da atmosfera.

Há de se considerar que o filme aborda uma transformação decorrente de acontecimentos catastróficos que transformaram o irreal e invisível em real e visível. Uma transformação através de diálogo e conscientização se mostrou ineficaz quando o professor Jack tentou, por diversas vezes, alertar as pessoas de tais ameaças. Um filme “sensacionalista” como esse pode conseguir alertar as pessoas de que os perigos decorrentes da exploração excessiva do meio ambiente podem ser catastróficos, irreversíveis e imprevisíveis e que se faz necessário buscar mudanças pois, se continuar da maneira como está, a realidade do filme pode se concretizar ou até mesmo algo pior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse *paper* foi analisar o filme O Dia Depois de Amanhã a luz da Sociedade de Risco de Beck (2010) e segundo as abordagens do desenvolvimento sustentável de Hopwood, Mellor e O’Brien (2005). O filme consegue servir como um exemplo das teses apresentadas por Beck (2010) de maneira visual, especialmente quanto a canibalização econômica do risco em que o filme pode ser considerado um instrumento para que isso ocorra. No entanto, o filme pode apresentar grandes contribuições também para a discussão das consequências decorrentes do desenvolvimento econômico ao utilizar dos recursos visuais, tornando o irreal e invisível em real e visível por meio de efeitos especiais cinematográficos.

No que diz respeito as abordagens do desenvolvimento sustentável, o personagem do professor Jack Hall apresenta um discurso que mais se aproxima da Transformação, mas se

mantendo na Reforma, enquanto o seu opositor, o vice-presidente Becker, encontra-se com uma abordagem de *Status Quo* ou a ausência de preocupação com o desenvolvimento sustentável, priorizando aspectos econômicos e políticos. No entanto, no decorrer do filme, com a concretização dos riscos, o discurso do então presidente Becker muda, apresentando uma maior preocupação com o meio ambiente, apesar de ser uma mudança decorrida do medo e não da conscientização.

Apesar de ser um longa-metragem que teve como principal objetivo a geração de lucro, o filme consegue trazer uma visibilidade para as questões voltadas para a camada de ozônio, o que pode levar a maior reflexão quanto as consequências do desenvolvimento desenfreado. Como sugestão para pesquisas futuras, a análise de outros filmes que abordem a temática ou até mesmo outros tipos de obras, como livros, músicas e outros meio populares para propagação desse assunto que é tão relevante para as futuras gerações. Analisar também eventuais impactos que as obras tiveram no comportamento do ser humano é potencialmente interessante.

6 REFERÊNCIAS

- Beck, U. (2010). *Sobre a lógica da distribuição de riqueza e da distribuição de riscos*. In U. Beck, *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade* (pp. 23–60). Editora 34.
- Beck, U. (2010). *Teoria política do conhecimento da sociedade de risco*. In U. Beck, *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade* (pp. 61–103). Editora 34.
- Dovers, S. R. (1996). Sustainability: Demands on policy. *Journal of Public Policy*, 16(3), 303–318. <https://doi.org/10.1017/S0143814X00007875>

- Caregnato, R., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: Análise do discurso versus análise do conteúdo. *Texto & Contexto Enfermagem*, 15(4), 679–684. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>
- Feil, A., & Schreiber, A. D. (2017). Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: Desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(3), e2016-0053. <https://doi.org/10.1590/1679-395157893>
- Foladori, G. (1992). *A economia diante da crise ambiental*. In G. Foladori, *Limites do desenvolvimento sustentável* (pp. [sem página especificada]). Editora da Unicamp/Imprensa Oficial.
- Hopwood, B., Mellor, M., & O'Brien, G. (2005). Sustainable development: Mapping different approaches. *Sustainable Development*, 13, 38–52. <https://doi.org/10.1002/sd.244>
- Lenzi, C. L. (2006). *Ecologizando a sociologia: O desafio de uma sociologia ambiental*. In C. L. Lenzi, *Sociologia ambiental: Risco e sustentabilidade na modernidade* (pp. 25–52). Edusc.
- Lenzi, C. L. (2006). *Modernização ecológica: Crescimento econômico versus proteção ambiental*. In C. L. Lenzi, *Sociologia ambiental: Risco e sustentabilidade na modernidade* (pp. 53–99). Edusc.
- O'Connor, J. (2000). ¿Es posible el capitalismo sostenible? *Papel Población*, 6(24), 9–35. <https://doi.org/10.22185/24487147.2000.24.20>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Feevale. <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>